



www.delfimsantos.org

Delfim Santos: um destino português

João Bénard da Costa (1966)

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1080-1081.

Decorridos alguns meses sobre a morte de Delfim Santos, é-nos agora possível cumprir o que no nosso número de setembro prometemos e prestar-lhe, nas colunas de *O TEMPO E O MODO*, a homenagem que a sua obra e personalidade justificam e exigem. Cremos que a fórmula adotada não é indigna de quem Delfim Santos foi. Com efeito, não só julgamos que os vários testemunhos publicados, de colegas, discípulos, amigos, situados em zonas diversas do pensamento e da ação, se adequam particularmente ao tipo de diálogo e de convívio praticado por Delfim Santos, como também não sabemos de outra melhor forma de honrar a sua presença do que a inclusão dum dos seus numerosos e significativos inéditos, no cumprimento de uma missão que só será plenamente satisfeita no dia em que a sua obra completa for reunida.

Diversos, como acima notávamos, esses testemunhos encontram-se na nota comum que procurámos traduzir ao escolher para título de todos eles o que encimava o depoimento de Jacinto Prado Coelho: DELFIM SANTOS: UM DESTINO PORTUGUÊS? Acreditamos que não seria ele a enjeitá-lo, ele que com tão aguda consciência e lucidez assumiu a situação em que teve que viver e compreendeu a frustração a que ela necessariamente o conduzia, como necessariamente a todos nós conduz.

Não foi fácil para Delfim Santos este destino português, mas na amargura que cabe nesta constatação está também implícito o melhor tributo que se lhe pode prestar. ~~A este homem, que uma formação e informação filosóficas ímpares entre nós, aliados a uma rara vocação especulativa, fadavam como a poucos outros para a construção de uma obra brilhante, se roubou a possibilidade de ocupar a cátedra de Filosofia na Faculdade em que ensinava; a este homem, singularmente dotado para presidir à reforma pedagógica que o País imperiosamente necessita, nunca foi dada a possibilidade oficial ou oficiosa de o fazer e quando, de algum modo, a teve, ela se lhe tornou em fonte de desilusões e desgostos que lhe abreviaram os dias; a este homem que marcou indelevelmente os mais dotados de quantos foram seus discípulos se não consentiu que fossem esses a acompanhar e a prolongar, como seus Assistentes, a ação que como catedrático de Pedagogia exerceu; a este homem que soube cultivar em tempo de monólogo, o diálogo e o convívio contra-intolerante o foram atingindo as~~



www.delfimsantos.org

~~várias formas desse monólogo ou dum silêncio que duramente lhe pesou. O aqui e o agora fizeram-se angustiadamente sentir sobre este pensador da frustração e da angústia e é a muitos títulos exemplar e sintomático que as evocações que a seguir publicamos sob esse signo se processem. Porque foi ele também quem nos disse que «a frustração é revelação» e que «através da frustração o homem descobre em si as forças que lhe permitem lutar contra o possível aniquilamento. Há alguma coisa a fazer e só a consciência da frustração real lhe dá dignidade nessa luta e o afasta da passividade e do nihilismo. A consciência da frustração destrói a ilusão do absoluto na limitação da liberdade».~~¹

Que essa frustração foi vivida em angústia, sabem-no os que conheceram Delfim Santos e sabem-no os que conhecem o significado desses termos, quando não são mistificações ou sentimentos. «*Só a angústia*» — escreveu Delfim Santos — «*permite ao homem ser «quem» realmente pode ser. A existência é contínua possibilidade de opção pela autenticidade ou pela inautenticidade, entrega ao banal da quotidianidade ou fuga para a solidão. Dois polos da ambivalência entre os quais o homem nos aparece oscilante. E na oscilação reside o duplo perigo da angústia: solidão, ou perda nas formas da vida da vulgaridade em anónmia*».² Delfim Santos não se isolou, não se vulgarizou. Foi esse o preço que teve que pagar para assumir em angústia e em autenticidade uma situação frustrante e frustradora. Foi essa a sua experiência de morte que lhe possibilitou não conhecer a segurança e a solidez que à morte pertencem e viver na fragilidade e risco que são lote do que é vivo.

~~A sua obra o continuará na medida em que continuar nos que a lerem a mesma tomada de consciência duma «situação sitiada» e a mesma luta pela autenticidade dentro dela possível. Não diremos que viverá nela, pois só aqueles que nada compreendem afirmarão tal forma de imortalidade. Mas se a morte é irremediável e eterna, a presença dos vivos é-o igualmente e nesses, sim, a vida de Delfim Santos continuará. Provam-nos estes testemunhos que, se são por um lado ambígua manifestação da necrofilia da cultura portuguesa e ambíguo desejo de «compensar» pelo diálogo com o morto o diálogo para ele essencial e que em vida lhe roubámos, são também e densamente a recusa a aceitar essa nossa e mesma morte, que o silêncio sobre uma obra e personalidade que faz parte da vida que nos foi dado viver inegavelmente marcaria.~~

João Bénard da Costa

~~texto cortado pela censura prévia~~

¹ V. adiante *Jaspers na filosofia Contemporânea*.

² O Sentido Existencial da Angústia, *Anais Portugueses de Psiquiatria* IV, dez. 1952.